

OS DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA NA CIDADE DE ILHÉUS: O CIRCUITO INFERIOR DA PESCA

Msc. Greiziene Araújo Queiroz
Universidade Estadual de Campinas
greiziene@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho é resultado de pesquisa que está sendo realizada junto ao Programa de Pós-graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Unicamp. Nossa pesquisa baseia-se no estudo dos circuitos espaciais produtivos (MORAES, 1989; SANTOS & SILVEIRA, 2001; SANTOS, 2004). Essa abordagem de método constitui um tipo de estudo imprescindível para que se entenda a dinâmica produtiva dos países periféricos num contexto de globalização. A partir da compreensão do funcionamento dos circuitos, pode-se melhor entender as crises que tanto perturbam o território hoje. Neste artigo procuramos fazer uma abordagem preliminar sobre os agentes envolvidos no circuito espacial produtivo da pesca em Ilhéus (BA), enfatizando o circuito inferior, mas procurando estabelecer as relações entretecidas entre este circuito e o circuito superior marginal da pesca, pois agentes com diferentes recursos tecnológicos e de capital imprimem lógicas distintas ao uso do território nos lugares. Consideramos a teoria dos circuitos espaciais produtivos, adequada para uma compreensão geográfica das dinâmicas socioespaciais de Ilhéus.

Palavras-chave: Pesca, circuito inferior, circuito superior marginal, território.

THE TWO CIRCUITS OF URBAN ECONOMY IN THE CITY OF ILHEUS: THE LOWER CIRCUIT OF THE FISHING

ABSTRACT

The present work is the result of research being conducted by the Graduate Program in Geography Institute of Geosciences, Unicamp. Our research is based on the study of productive space circuits (Moraes, 1989; SANTOS & Silveira, 2001; SANTOS, 2004). This approach of method constitutes an essential kind of study for understanding the productive dynamic of the peripheral countries in a context of globalization. By understanding the functioning of the circuits, we can better understand the crisis that both disturb the territory today. In this article we do a preliminary approach about the agents involved in the productive space circuit of the fishing in Ilheus (BA), emphasizing the lower circuit, but trying to establish the relationships woven between this circuit and marginal upper circuito of the fishing, as agents with different financial and technological resources utilize different logics to the use of the territory on the places. We consider the theory of productive space circuits, suitable for a geographical understanding of the socio-spatial dynamics of Ilheus city.

Keywords: Fishing, lower circuit, marginal upper circuit, territory.

INTRODUÇÃO

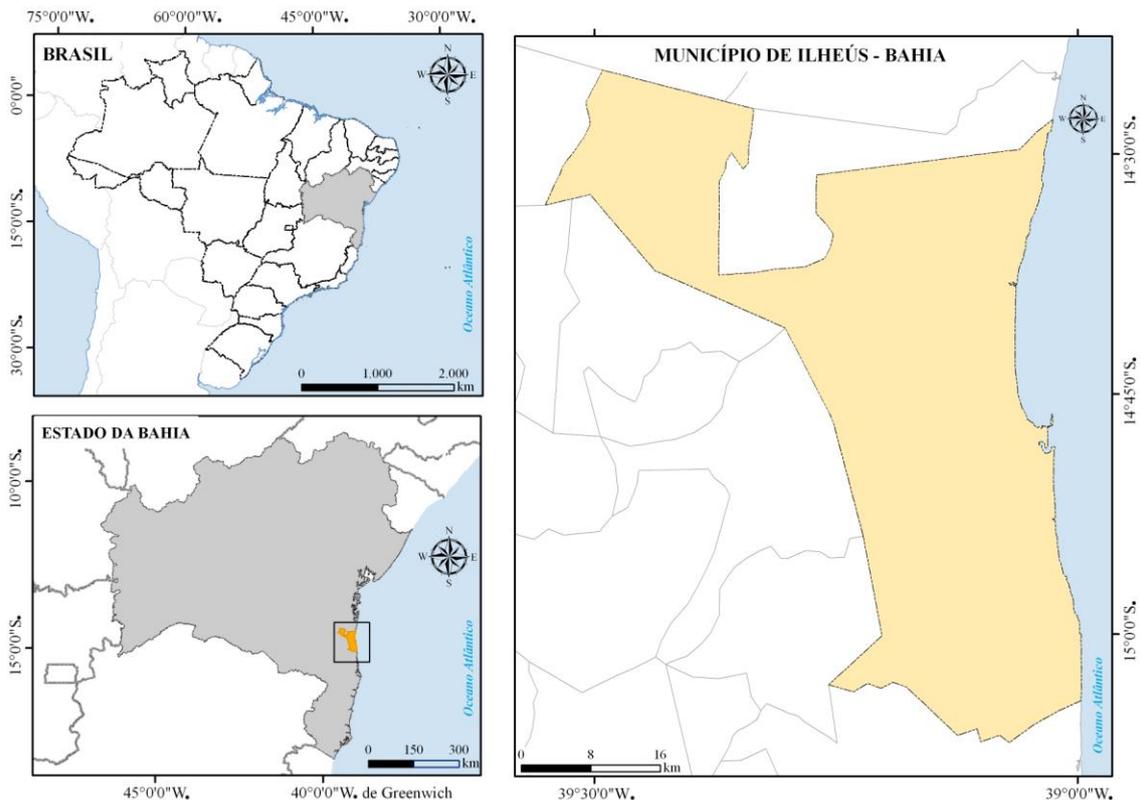
A atividade pesqueira conforma um circuito espacial produtivo e, dessa forma, pela divisão do trabalho que acolhe, organiza o território. Nosso recorte empírico é o litoral sul baiano, onde se localiza o município de Ilhéus (Figura 1) que tem parte de sua economia baseada em um *circuito espacial produtivo* pesqueiro local e regional. Para Moraes (1999, p. 29) “o litoral pode ser definido como uma zona de usos múltiplos, pois em sua extensão é possível encontrar

Recebido em 09/09/2011

Aprovado para publicação em 31/03/2012

variadíssimas formas de ocupação [...] e a manifestação das mais diferentes atividades humanas”. Dos muitos usos possíveis ao qual o litoral está ligado, abordamos a economia da pesca, criadora de interações entre o meio aquático e terrestre. O objetivo de nossa pesquisa é compreender as dinâmicas econômicas ligadas à pesca que geram trabalho e renda para uma boa parcela da população Ilheense. Tendo como foco da pesquisa o circuito inferior da economia urbana. Conforme Santos (1986, p.121) os “circuitos de produção e acumulação se estruturam a partir de uma atividade produtiva definida como primária ou inicial” e ainda “compreendem uma série de fases ou escalões correspondentes ao consumo final”.

Figura 1: Localização do município de Ilhéus



Fonte: Elaborado a partir do banco de dados da SEI (2008) e IBGE (2010), por GÓES, L. M. (2011)

O estudo do circuito espacial produtivo da pesca constitui uma forma adequada para uma investigação sobre as atuais dinâmicas socioespaciais envolvendo uma grande parcela da população de Ilhéus. Para esse estudo, consideramos a organização social do espaço por meio da técnica – no caso a pesca –, ela própria entendida com território e parte de sua transformação e constituição (SANTOS, 2002). Investigar os agentes dessa organização espacial permite compreender os conteúdos do meio geográfico no qual a atividade pesqueira se insere. Essa investigação se dá a partir do território já feito e do território se fazendo com técnicas, normas e ações (SILVEIRA, 2009).

Este espaço deve ser entendido como uma totalidade, pois assim fazendo superamos o que Santos (2000) chamou de “espaço particular”, ou, espaço de poucos, espaço de um ou outro setor econômico, por isso, junto do pescador perfila-se outros agentes do circuito, como o peixeiro, o feirante, o comerciante de artefatos, os barraqueiros de praia, o turista de veraneio, dentre outros. Assim, é necessário “volver a las fuentes de la Geografía, proponiendo otra vez esta Idea de espacio banal” (SANTOS, 2000).

A PRODUÇÃO

Segundo Marx (2007), a produção é sempre uma apropriação da natureza pelo indivíduo. O pescador se apropria do mar quando captura dele o pescado. No entanto, esta apropriação

ocorre de maneira diferenciada entre os agentes dos circuitos da economia urbana. No circuito Inferior ela se realiza por meio do conhecimento empírico sobre os ventos, a maré, os cardumes. É a labuta diária que faz o pescador conhecedor do mar. Já, no circuito superior é através da tecnologia de pesca, ecosondas, radares, GPS (Sistema de Posicionamento Global) e piloto automático, tudo para facilitar a detecção e caputura do pescado.

Encontra-se em Ilhéus a pesca marinha costeira que pode ser dividida em dois segmentos: o circuito inferior – destinado ao suprimento alimentar de subsistência, podendo o excedente ser comercializado e efetuado através de métodos simples; e o circuito superior marginal - destinado à pesca comercial de médio porte: direcionada ao comércio e efetuada através de métodos mecanizados.

No circuito inferior as embarcações comumente são jangadas (Figura 2), canoas, botes e boca aberta. São confeccionadas em madeira e parte delas é feita pelos próprios pescadores como é o caso das jangadas e canoas. Quanto à propulsão, pode ser por remo, vela ou motor. O motor utilizado por este circuito é movido a *diesel*, com potência máxima de 20hp, o que corresponde a um motor simples de baixo desempenho. Pescadores de Ilhéus têm substituído ou associado à vela tradicional com o motor de polpa para dar maior autonomia às pescarias. O que nomeamos aqui como artesanal necessitaria de uma nova nomenclatura, pois a atual não retrata a realidade como todo. Segundo Santos (2004, p. 39) “quanto ao circuito inferior é difícil chamá-lo tradicional, não somente porque é produto da modernização, mas também porque está em processo de transformação e adaptação permanente”.

Figura 2: Desembarque pesqueiro realizado em Ilhéus –BA.



Fonte: Trabalho de campo, 2011.

No circuito superior marginal de Ilhéus, de modo geral, as embarcações são do tipo Arrasteiros (Figura 3). São embarcações de médio a grande porte que variam ente 6 e 18m de comprimento e que possuem motor com potência de 50 a 250 HP. Estudo realizado por pesquisadores da Universidade Estadual de Santa Cruz sobre a frota pesqueira motorizada de Ilhéus comprovou que em relação à instrumentação tecnológica, 29% das embarcações apresentam equipamentos para navegação, prospecção e comunicação e ainda, 19% das embarcações estão restritas ao uso de somente um tipo de instrumento e 27% não apresentam nenhum tipo de instrumentação tecnológica (BARBOZA-FILHO & CETRA, 2007, p. 8).

Apesar do amplo poder de captura da pesca especializada, a pesca proveniente do circuito inferior é importante na composição total da produção de pescado no mercado local de Ilhéus e

na oferta de trabalho e renda para população pobre do município. Pode-se afirmar que quando abordamos os agentes envolvidos na pesca realizada em Ilhéus estamos pontuando a existência de dois circuitos da economia urbana. Nos quais a chamada “pesca artesanal” se insere no circuito inferior e a pesca especializada no circuito superior marginal. Este último circuito é constituído por “formas menos modernas do ponto de vista tecnológico e organizacional” em relação ao circuito superior propriamente dito (SANTOS, 2004, p. 103). Em Ilhéus não há pesca industrial e a produção do pescado não possui uma estatística oficial.

Figura 3 : Arrasteiros equipados para Arrasto duplo de camarão em Ilhéus-BA.



Fonte: Trabalho de campo, 2010.

A DISTRIBUIÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DO PESCADO

O intenso processo de globalização vivenciada nas últimas décadas fez surgir uma crescente especialização regional, com os inúmeros fluxos de todos os tipos, intensidades e direções. De maneira que, para alcançarmos o entendimento do lugar “temos que falar de circuitos espaciais da produção”, sendo a circulação e a comercialização o segundo passo a ser analisado (SANTOS, 1988, p.17). Cada circuito possui características peculiares, todavia, como afirma Santos (2004), não há dualismo econômico na totalidade da cidade, existem vasos comunicantes entre os dois circuitos. O pescado produzido por pescadores do circuito inferior em Ilhéus é transportado pelo circuito superior marginal para capital Salvador e outros estados (Minas Gerais, Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo) para ser beneficiado pelo circuito superior.

Apesar da modernização dos fluxos e fixos incorporados ao território o circuito inferior não participa do movimento de “tempos rápidos dominantes ou tempos hegemônicos” permanecem em “tempos mais lentos e hegemônicos” resultado de uma modernização seletiva do território (SANTOS, 2009, p.95). O pescado, por ser um produto que exige refrigeração (caminhões e câmaras frias), encontra enclaves para livre circulação devido à ausência de capital no circuito inferior.

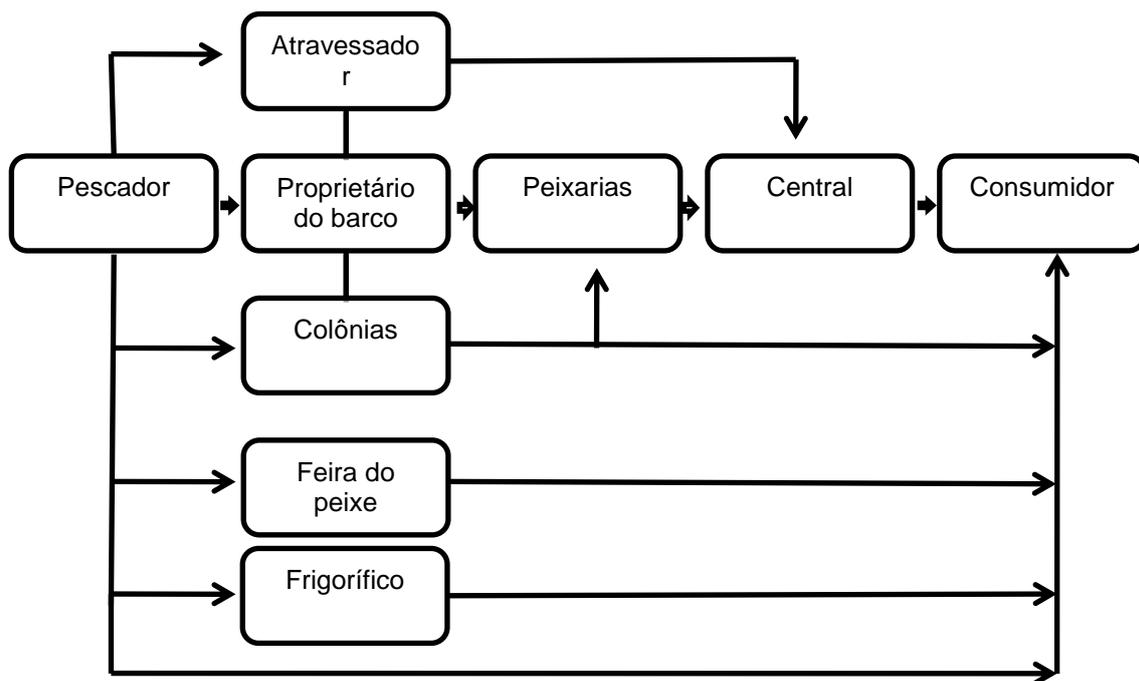
Os agentes da circulação do pescado no município de Ilhéus não são transportadores, mas comerciantes da pesca. Não existe um agente que efetue apenas a circulação. Assim, a relação se dá entre pescador e comerciante. O pescador espera pelo comerciante, isso

favorece a ação dos atravessadores que adquire o pescado a preços baixos revendendo o produto a estabelecimentos comerciais. Isso impossibilita ao pescador agregar mais valor a sua produção por não possuir os meios adequados para fazer a entrega do produto diretamente no estabelecimento comercial. Esta etapa do circuito produtivo da pesca em Ilhéus apresenta uma deficiência estrutural devido à ausência de meios de transporte adequado (caminhões frigoríficos) para condução e conservação do produto.

Os agentes do circuito inferior transportam o pescado até o local de comercialização por meio de bicicletas, veículos fretados, ônibus interurbano. Munidos de gelo e isopor atravessam o município e às vezes até os limites municipais. Outros recebem o produto direto da Colônia e pagam o “carrego” (frete realizado por carrinho de mão) até a Feira do peixe ou a Central de Abastecimento do Malhado. É comum a associação em grupos (de comerciantes) para dividir os custos com o transporte.

Assim, a circulação se efetiva por meio dos comerciantes (Figura 4). Esses agentes que contribuem com a configuração espacial da pesca no município de Ilhéus, apesar da difícil tarefa, pois lidamos “com a nítida insuficiência dos dados estatísticos concernentes ao circuito inferior da economia urbana” (SANTOS, 2004, p. 24). A comercialização acontece em vários níveis, desde a venda do pescado *in natura* até pratos acabados, inclusive para a vida de relações local que inclui a atividade turística.

Figura 4: Trajetória da comercialização do pescado em Ilhéus – BA.



Fonte: Dados primários obtidos em trabalho de campo, 2011.

É comum em algumas avenidas de Ilhéus a comercialização do pescado no final da tarde quando os pescadores retornam de suas atividades. Outros vendem o pescado na Feira do peixe localizada no centro da cidade. A comercialização é feita com base em dinheiro, sem a intermediação do sistema financeiro a partir de máquinas de cartão bancário. E como nesse circuito inferior tudo se transforma, as embalagens são sacolas plásticas reutilizadas, um pedaço de madeira ou caixa se transforma em mesa, tudo é improvisado. Muitos dos vendedores não possuem balança para aferir o peso, a venda é feita por unidade ou por “corda” (peixes de menor valor comercial são presos num cordão e são vendidos em quantidades maiores).

Existe ainda o comércio realizado na praia, onde o pescador faz a operação diretamente com turistas de veraneio que passam temporadas no município. Esses turistas podem ser identificados em dois grupos: vindos de outros estados e passam férias em Ilhéus e os que pertencem à região e têm a casa de praia como segunda residência no litoral. Assim que os pescadores retornam do mar, de manhã bem cedo, já é possível ver turistas à espera do pescado. Essa é uma das estratégias para se pagar o menor preço pelo produto, visto que o peixe que não é vendido na praia é repassado para a Colônia que pratica preços maiores.

As atividades do comércio praticadas nas peixarias diferem das praticadas na feira (Quadro 1): o emprego é formalizado, usam máquinas (como por exemplo aquelas para cortar pescado), possuem câmaras frigoríficas para armazenamento, telefone fixo, passam por inspeção sanitária, realizam publicidade, têm embalagens apropriadas e realizam venda a crédito.

Quadro 1: Diferenças percebidas na comercialização entre a feira e peixaria

Itens	Feira	Peixaria
Embalagem	Reutilizada	Plástica lacrada
Balança	Muito antigas ou digitais simples	Digital simples ou sofisticada
Instrumentos	Facão	Serra elétrica para fatiar
Balcão	Alumínio	Banca de madeira
Armazenamento	Isopor ou caixa de madeira sem refrigeração	Isopor e freezer
Valor dos pescados	De baixo a alto valor de comercialização	De médio a alto

Fonte: Dados primários coletados em trabalho de campo, 2010

O comerciante da feira só trabalha com pescado do município e da região, enquanto a peixaria importa pescado de outros estados e até outros países como é o caso do salmão produzido em cativeiro no Chile. A diversidade também é um fator de diferenciação entre os comerciantes. Na peixaria é possível encontrar o filé, a posta, o catado e frutos do mar como a lagosta e o polvo. Fator preponderante para diferenciação é o nível de tecnologia e de capital que esses empresários possuem, devido à possibilidade de empréstimos bancários destinados aos comerciantes mais capitalizados.

A base fundamental do comércio de pescados em Ilhéus é o trabalho, que é multiplicado no circuito inferior para gerar renda para uma grande população pobre. Por não serem absorvidos pelo circuito superior, os trabalhadores encontram no circuito inferior trabalho para garantir a sobrevivência. Assim, o comércio ocupa um número considerável de pessoas. Em parte explica-se pelo fato de que, para entrar nessa atividade, só se tem necessidade de pequena soma de dinheiro. Sem dúvida, para que haja comércio é necessário um mercado consumidor onde o circuito espacial produtivo se completa.

O CONSUMO DO PESCADO

A atividade da pesca no circuito inferior implica diretamente no consumo, antes de proporcionar trabalho e renda ela é geradora de subsistência. A partir do uso de instrumentos simples e domínio da técnica é possível adquirir o mínimo necessário à sobrevivência. Parte do pescado produzido é consumida pelo próprio pescador. Como assevera Santos (2004, p.196), "pobreza e circuito inferior aparecem como relações de causa e efeito inegáveis. Historicamente o homem encontra nas águas uma fonte de alimento, trabalho e renda.

Com base nas entrevistas realizadas na Colônia Z19 e Z34 existem em Ilhéus aproximadamente 4.000 profissionais da pesca (pescadores e marisqueiras), filiados às colônias. Porém não se sabe quanto são ao total. Potencialmente são 4.000 famílias de consumidores de pescado. Isso sem contar o consumo dos envolvidos no comércio. Na pesca o modo de vida (atividade pesqueira) tornar-se o meio de vida (sobrevivência). Há também o consumo dos habitantes locais daqueles que não possuem ligações com a pesca, mas usufruem do produto dessa atividade.

Além desses, há o consumo baseado no turismo. Esse fenômeno, próprio do pós-guerra, se torna possível graças ao alargamento das classes médias e ao fenômeno da propaganda, que busca comercializar os lugares. Assim, o município de Ilhéus se “abre” ao mundo e se torna um dos principais destinos do turismo brasileiro. Vinculada ao turismo, a gastronomia, é um ponto nevrálgico que busca explorar determinados elementos particulares dos lugares. A gastronomia é ao mesmo tempo um produto e um atrativo. Dessa forma, o “turismo e a gastronomia são inseparáveis, pois não têm como se pensar em turismo, sem prever entre outros itens, a alimentação para curta ou longa permanência” (BARROCO & BARROCO, 2008, p. 2). O pescado faz parte da culinária baiana e é presente nos cardápios dos mais variados estabelecimentos turísticos.

O aumento dos fluxos turísticos na cidade reorganizou o território como um todo. Ao longo do tempo a cidade foi sendo moldada segundo recortes de classe social, dividindo-a em duas zonas, Zona Norte e Zona Sul. A primeira é menos movimentada (com exceção das praias Tulha e Mamoã), com pouca infraestrutura turística e atende principalmente aos apelidados “farofeiros” que em geral são moradores de Ilhéus ou dos municípios vizinhos. O turismo nessa zona ainda é pouco explorado com poucas pousadas, restaurantes e barracas de praia. É composta basicamente por residência de moradores e casas de veraneio. A Zona Sul de Ilhéus recebe maior fluxo de turistas, por possuir maior número de hotéis e melhores infraestruturas turísticas. Recebe visitantes de diversos países e a classe média e elite dos municípios vizinhos. Conta com cerca de 30 cabanas de praias que consistem em bares restaurantes.

O pescado é caracterizado como primeira, segunda e terceira linha. Essas linhas podem nos apontar o consumo da classe média e o consumo dos mais pobres. No entanto, “todas as camadas podem consumir fora do circuito ao qual pertencem: trata-se de um consumo parcial ou ocasional” (SANTOS, 2004:42). É o caso da corvina que mesmo pertencendo à terceira linha é consumida pelos mais abastados. Os de primeira linha também são chamados de mais nobres que geralmente apresentam: carne com uma coloração mais clara, mais saborosa, menos espinhas e com menor teor de gordura (Vermelho, Dourado, Pescado, entre outros).

Diante do exposto, pode-se afirmar que a atividade da pesca é responsável pela sobrevivência de inúmeras famílias do município e possui um papel crucial na economia. Cada pescado consumido alimenta o circuito produtivo e estimula a vida de relações do lugar, gerando emprego e renda a pescadores, garçons, cozinheiros, zeladores, cabaneiros e inúmeros comerciantes locais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O circuito inferior da pesca oferece a população pobre de Ilhéus subsistência, ocupação e renda. Uma vez que, acolhe diversas atividades, familiares, individuais e em parcerias que envolvem a produção comércio (feira, central de abastecimento, colônias de pesca, peixarias) até o consumo (da população local e dos turistas) do pescado. Embora, o circuito inferior encontre diversos entraves – precariedade dos meios de produção, circulação e troca – é ele o abrigo de uma significativa parcela da população. Assim, Abre-se um leque de possibilidades para análise do circuito inferior da pesca em Ilhéus por meio da análise das conexões estabelecida entre os dois circuitos (inferior e superior marginal) e por meio dos diversos agentes envolvidos em cada atividade, com foco especial no circuito inferior.

Restam ao circuito inferior apenas o trabalho intensivo e a criatividade na elaboração de estratégias para garantir a sobrevivência no território. Os pobres, abrigados no circuito inferior, se reinventam a cada modernização que chega ao lugar. Assim, torna-se imprescindível, cada vez mais, a compreensão da cidade por meio do circuito inferior da economia, tendo em vista a enorme diversidade de atividades que ele abarca e o abrigo oferecido por ele a grande parte da população.

REFERÊNCIAS

BARBOSA-FILHO, M. L. V. e CETRA, M. **Dinâmica da frota pesqueira sediada na cidade de Ilhéus, estado da Bahia.** Boletim técnico, 2007. Disponível em:

<http://www4.icmbio.gov.br/cepene/index.php?id_menu=51&arquivo=modulos/boletim/res.php&id_arg=183> Acesso em Agosto de 2009.

BARROCO, L. M. S; BARROCO, H. E. **A importância da gastronomia como patrimônio cultural, no turismo baiano.** Turydes revista de investigação em turismo y desarrollo local. Disponível em: <<http://www.eumed.net/rev/turydes/02/sbb.htm>>. Acesso em: 01 novembro. 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Divisão Política-Administrativa do Brasil...** Disponível em: <<http://www.gismaps.com.br/divpol/divpol.htm>>. Acesso em: 19 set. 2010.

MARX, K. **Introdução à contribuição para a crítica da economia política** 2007 [1859]. Biblioteca digital: arquivo Marxista na internet. Disponível em: < <http://www.marxists.org/>> Acesso em 16 de Fevereiro de 2011.

MORAES, A. C. R. de. “Los **circuitos espaciales de la producción y los círculos de cooperación en el espacio.**” In: YANES, L.; LIBERALI, A. M. (orgs.). Aportes para el estudio del espacio socio-economico. Buenos Aires: El Coloquio, 1989.

_____. (1986) **Circuitos espaciais da produção: um comentário.** In: SOUZA, M. A. A.; SANTOS, M. (Org.). A construção do espaço. São Paulo: Nobel.

_____. **Metamorfose do espaço habitado, fundamentos teóricos e metodológicos da geografia.** São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. (2000) **El territorio: Um agregado de espacios banales.** Boletim de estudos geográficos n° 96.

_____. (2002) A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Edusp.

_____. (2004[1979]) **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos.** São Paulo: Edusp.

_____. **Por uma economia política da cidade.** 2ª. ed. São Paulo: Edusp, 2009 [1994].

SANTOS, M. SILVEIRA, M. L. **Brasil: território e sociedade no século XXI.** 10ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008 [2001].

SEI - Superintendência De Estudos Econômicos E Sociais Da Bahia. **Mapas digitalizados do Estado da Bahia:** base de dados. Salvador: SEI, 2008. CD-ROM.

SILVEIRA, M. L. (2009) **O território usado a palavra: pensado princípios de solidariedade socioespacial.** In: **Saúde, desenvolvimento e território.** Ana Luiza d’Ávila Viana, Paulo Eduardo M. Elias & Nelson Ibañez (orgs.) – São Paulo: Aderaldo & Rothschild.